

PELAS VEREDAS DA LUSO-BRASILIDADE: RESSONÂNCIAS DO BRASIL NAS OBRAS DE FERREIRA DE CASTRO E MIGUEL TORGA

Dora Maria Nunes Gago

FCT/Centro de Línguas e Culturas - Universidade de Aveiro
Portugal

doragago@ua.pt

Resumo

Ferreira de Castro (1898-1974) e Miguel Torga (1907-1995) viveram ambos, no início da adolescência, a dura experiência de emigração para o Brasil. O primeiro partiu com apenas doze anos, em 1911, o segundo, com treze, em 1920. Ambos procuraram o “Eldorado”, cruzaram o Atlântico num vapor, cresceram, amadureceram, regressaram a Portugal, revisitaram novamente o Brasil e escreveram sobre essas vivências, como é corroborado por *Emigrantes* e *A Selva* de Ferreira de Castro, o *Diário*, *A Criação do Mundo*, *Traço de União* de Miguel Torga que constituem o nosso corpus de trabalho.

No presente artigo, analisaremos à luz da imagologia, um dos métodos da literatura comparada, que visa precisamente o estudo das imagens, as representações do Brasil que emergem da obra destes dois escritores.

Nesta sequência, analisaremos, numa óptica comparatista, a ficcionalização das vivências dos autores, a trajetórias das suas personagens, contemplando, na configuração do espaço estrangeiro, as primeiras impressões e sua evolução, as descrições da paisagem, do povo, da vida e da cultura brasileiras. Além disso, seguiremos os caminhos da alteridade para desvendarmos igualmente o modo como é visto o “outro”, e a forma como se inscreve no discurso.

Em suma, analisaremos o impacto da vivência da emigração, a importância desempenhada pelo país de acolhimento na obra dos dois escritores

supramencionados, atendendo às ressonâncias da luso-brasilidade, alicerçadoras de uma maior abertura e dum diálogo mais próximo com o Brasil.

Resumé

Ferreira de Castro (1898-1974) et Miguel Torga (1907-1995) vécurent, au début de leurs adolescences, la dure expérience de l'émigration vers le Brésil. Le premier n'avait que douze ans lorsqu'il quitta le Portugal, en 1911 ; le second le fit à l'âge de treize ans, en 1920, moins d'une décennie plus tard. Les deux cherchaient l'Eldorado et ils ont traversé l'Atlantique, dans un long et terrible voyage, sur un bateau à vapeur, pour le retrouver. Cette expérience de l'exil a profondément marqué leurs croissances, leurs développements et leurs écritures, ce qui se confirme dans les œuvres *Emigrantes*, *A Selva* de Ferreira de Castro; *Diário*, *Criação do Mundo* et *Traço de União* de Miguel Torga, qui constituent notre corpus d'étude.

Dans cet article, nous nous proposons d'interpréter, à la lumière de l'imagologie (l'une des méthodes de la littérature comparée), les représentations du Brésil qui se dégagent du regard et de l'œuvre de ces deux écrivains. Nous analyserons, donc, d'une perspective comparatiste, les expériences vécues par les auteurs, celles qu'ils ont transposées dans la fiction, à travers l'écriture, telles que, par exemple, les premières impressions de l'espace étranger et son évolution, les descriptions du paysage, du peuple, de la vie et de la culture brésiliennes. Nous tenterons, aussi, d'analyser les rapports de ces auteurs et de leurs personnages avec l'Autre et les mécanismes de l'instauration de l'altérité.

Cette étude vise, donc, à comprendre comment l'expérience de l'émigration et les trajectoires de l'exil conduisent à l'inscription d'un sentiment de "phylie" vers le Brésil et à la "luso-brésiliennité", enracinés dans un appel à une plus grande ouverture et au besoin d'un dialogue plus étroit avec ce pays.

Palavras-chave: Brasil, emigração, Ferreira de Castro, Miguel Torga, humanismo, luso-brasilidade.

Mots clés: Brésil, émigration, Ferreira de Castro, Miguel Torga, humanisme, “luso-brésilienité”

Ferreira de Castro (1888 - 1974) e Miguel Torga (pseudónimo de Adolfo Rocha, 1907-1995), oriundos do meio rural - o primeiro beirão e o segundo transmontano - viveram ambos, no início da adolescência a dura experiência de emigração para o Brasil, devido às dificuldades económicas das famílias.

O primeiro partiu com apenas doze anos, em 1911, tendo permanecido no Brasil até 1919, onde viveu a dura experiência do trabalho como seringueiro no seringal “Paraíso”, no coração da Amazónia. O segundo partiu aos treze anos, em 1920 para trabalhar na fazenda do tio perto de Minas Gerais, onde realizou as mais árduas tarefas, desde capinar café a caçar cobras, tendo permanecido neste país durante cinco anos.

Ambos procuraram o “Eldorado”, cruzaram o Atlântico num vapor, na terceira classe, cresceram, amadureceram, regressaram a Portugal e escreveram essas vivências. Revisitaram mais tarde o país que lhes forjou em muito o carácter e a pena.

Miguel Torga, já médico, regressa ao Brasil em 1954, para participar num Congresso de Escritores em S. Paulo, comemorativo do IV Centenário da Fundação da Cidade, onde proferiu a conferência “Trás-os-Montes no Brasil”, depois publicada em *Traço de União*. Esta experiência é narrada no *Diário VII* e em *A Criação do Mundo- O Sexto dia*. Por seu turno, Ferreira de Castro regressou sensivelmente na mesma época, ou seja, em Outubro de 1959. No Rio de Janeiro foi alvo de entusiásticas manifestações da parte dos Chefes de Estado e também dos cidadãos anónimos portugueses e brasileiros, tendo sido convidado pelo presidente da República a visitar Brasília. Posteriormente, regressa ainda a terras de

Vera Cruz em 1971, sendo novamente homenageado significativamente e recebido de modo triunfal.

As obras que constituem o corpus do nosso trabalho são *Emigrantes* e *A Selva* de Ferreira de Castro, o *Diário*, *A Criação do Mundo* e o *Traço de União* de Miguel Torga, nas quais analisaremos as ressonâncias das vivências da emigração para a configuração do Brasil nas suas diversas dimensões: geográfica, social, humana e cultural, atendendo às representações da paisagem, da cultura, do povo e do mundo como o “eu” apreende e compreende “outro”, numa perspectiva de integração ou desintegração na sociedade de acolhimento.

Nesta sequência, a análise que em seguida empreenderemos basear-se-á, sobretudo nos pressupostos teóricos de D-H. Pageaux e de Jean-Marc Moura acerca da imagologia, ou seja, o estudo das imagens do estrangeiro. Assumindo-se como uma linguagem sobre o outro, o estudo da imagem deve considerar a sua funcionalidade e valor estético, a conformidade com um modelo, um esquema cultural que é preexistente na cultura do observador. Deste modo, partindo do conceito de imagem, dos seus elementos constituintes, é essencial conhecer os mecanismos culturais que presidiram à sua formação - neste caso concreto, nas obras de Ferreira de Castro e Miguel Torga - e o modo como ela se inscreve no seio de determinada cultura e de um imaginário, Isto porque através de esquemas culturais preexistentes, o indivíduo filtra a realidade circundante. Nesta medida, a imagem não constitui um retrato fiel da realidade, mas sim uma “ficção”, ou por outras palavras, uma representação cultural do elemento observado.

É ainda a este nível que devemos atentar na escrita da alteridade, notando todos os elementos possibilitadores da diferenciação ou da assimilação entre o “Outro” e o “Eu”, podendo o primeiro surgir como um prolongamento do segundo e do seu espaço de origem, transpondo metaforicamente realidades nacionais.

As trajectórias da emigração: entre o real e o ficcional

A época em que os autores emigraram, do ponto de vista histórico, coincide com o início de uma forte vaga de emigração para o Brasil. Segundo Bernard Eméry, em 1911, 59 661 portugueses saem do país, e mais de 80% tem como destino o Brasil (1993: 25). Aliás, este país mantém-se como forte destino de emigração até ao início dos anos sessenta, sendo depois, maioritariamente, preferidos países da Europa.

Principiemos, então, por Ferreira de Castro, cuja experiência será transposta, vários anos depois, para dois romances: *Emigrantes* (1928) e *A Selva* (1930).

Nesta sequência, *Emigrantes* (1928) transfigura a dura vivência da emigração, encarnada em Manuel da Bouça, agricultor de 41 anos, analfabeto, que decide emigrar para o Brasil devido à pobreza, com o objectivo de juntar dinheiro para adquirir alguns terrenos e dar à filha um bom dote. Impeliu-o o mesmo sonho, que durante tanto tempo alimentou a alma de muitos camponeses do interior de Portugal, a busca de riqueza, de uma vida melhor, que parecia encerrada numa palavra mágica: Brasil. Tal como é referido:

Era um sonho denso, uma ambição profunda que cavava nas almas, desde a infância à velhice. O ouro do Brasil fazia parte da tradição e tinha o prestígio de uma lenda entre os espíritos rudes e simples. [...] Viam-no erguer-se refulgente, ofuscante em moedas do tamanho do sol, ao fundir-se na linha do horizonte, precisamente para os lados onde devia ficar o país maravilhoso. (Castro 1980: 32)

Constatamos, deste modo, o peso que assume a visão do Brasil como “Terra Prometida”, enraizada na tradição histórica que marcou a exportação do ouro e de

outras riquezas, após os Descobrimentos, para Portugal. Nesta medida, a ambição pelas riquezas do Brasil “vinha já dos bisavós, de mais longe ainda; coisa que se herdava e legava, arrastando-se pela vida fora como um peso inquietante” (Castro 1980: 32-33). Assim, face a essa visão do país de emigração investido de uma aura maravilhosa, mítica, a pátria assumia-se como um espaço de trabalho árduo e inglório, de pobreza e miséria. No entanto, associava-se à visão do *Eldorado* o receio dos perigos que seria necessário enfrentar para o atingir.

Com efeito, centremo-nos na acção de *Emigrantes*: após a árdua tarefa burocrática para tratar da documentação necessária, seguiu-se a viagem de vários dias, em péssimas condições, que o autor experimentou na pele, tal como as suas personagens, assumindo-se como um verdadeiro “Cabo das Tormentas” que era necessário enfrentar. Neste caso, Manuel da Bouça, embora personagem individualizada, acaba por se delinear como símbolo dos emigrantes portugueses que partiam devido à pobreza, para assegurar a sua subsistência e a da família, na terceira classe de navios cheios de gente, semelhantes a “redis” flutuantes.

Por conseguinte, nas condições desumanas da viagem, a multidão heterogénea, agoniada, metaforizada na palavra “rebanho”, seguia alentada pelo sonho de fugir à miséria da terra de origem, escravos, no fundo, da ambição, da ilusão do “Eldorado”:

*E todos com o mesmo sonho doirado, com o mesmo sonho a
corroer-lhes as entranhas, a enroscar-se-lhes nos mais
arreigados sentimentos [...].* (Castro 1980:92)

A chegada à terra estrangeira é marcada pela curiosidade e pela ansiedade, perante o novo mundo que surge. Todavia, após o desembarque, as formalidades, a burocracia e a quarentena a que estão obrigados os membros do “rebanho” (como são múltiplas vezes referidos), inicia-se a “saga” de Manuel da Boiça para encontrar um emprego remunerado por um salário condigno. Neste contexto, esta

personagem recria a desilusão sentida pelo jovem Ferreira de Castro na sua condição de emigrante.

Manuel começou a sentir os seus sonhos a desmoronarem-se, ou melhor, a serem adiadas as ambições que trouxera, quando apenas conseguiu trabalho num cafezal na Fazenda de Santa Efigénia, perto de Ribeirão Preto, onde a remuneração era má e as condições laborais muito duras. Acentuava-se a ideia de injustiça social, pois o proprietário esbanjava dinheiro com as mais belas mulheres do Rio e de Paris, enquanto os trabalhadores eram profundamente explorados, entregues quase a um trabalho escravo. Assim, os senhores das terras desfrutavam de absoluta autoridade sobre os seus trabalhadores como acontecia com o coronel Borba e o feitor Capristano, representantes do poder despótico sobre os mais fracos, que tinham como única hipótese a resignação.

Na relação com o “outro”, Manuel da Boiça, devido à sua pouca instrução e ao facto de não saber ler, revela, por vezes, uma certa incomunicabilidade. Para além das saudades, a personagem é invadida pelo remorso, o sentimento de culpa, porque o baixo salário não lhe permite enviar dinheiro à família. Arrepende-se pois do destino escolhido.

Na segunda parte do romance, Manuel, terminado o trabalho, parte para S. Paulo, alimentando novas esperanças. Assim, ao acompanharmos o protagonista, nesta experiência urbana, constatamos que o futuro que lhe é oferecido continua a ser mesquinho e o salário apenas lhe assegura a subsistência. Posteriormente, ele sabe do falecimento de Amélia, sua esposa, e da perda dos terrenos que hipotecara. A obsessão de regressar à terra natal esmorece, mas não se apaga.

Por fim, conseguiu pagar a viagem de regresso com o anel roubado a um cadáver com que se deparara durante os conflitos revolucionários em que participou na cidade de S. Paulo, no contexto da Revolução de 1924.

No entanto, não é só ele que volta tão pobre como partiu, com os sonhos desfeitos, visto que é acompanhado, de regresso, no navio “Andes” por uma nova multidão ainda mais miserável do que a que fizera a viagem anterior. Neste caso, a

turba desumanizada sob a metáfora do rebanho, mostra-se agora inteiramente desprovida de vida, passando a ser apenas “carne”:

O “Andes” transpunha a barra com o seu carregamento de carne humana, exausta, quase morta, que a América devolvia à Europa [...] (Castro 1980: 255).

Porém, o regresso ao país natal não lhe traz a alegria imaginada. Pesa-lhe o fracasso, a vergonha, o receio que os seus conterrâneos descubram a sua situação económica, a antevisão das humilhações. O Eldorado que procurara não havia passado de um mero sonho.

Por seu turno, no caso de Torga, a experiência da emigração é narrada em *A Criação do Mundo - Segundo dia*. Nesta obra, deparamo-nos com um narrador autodiegético, retrospectivo, adulto e autoconsciente que recria as vivências do passado, dando voz à criança que foi, através de uma linguagem simples e espontânea. A emigração desenha-se como experiência de amadurecimento, de contacto com um espaço novo, diferente, marcado pela dureza da vida e simultaneamente pela descoberta.

O desembarque no Brasil, que constituiu, como no caso de Ferreira de Castro e de Manuel da Bouça, uma fuga à pobreza, corresponde a um momento de transformação. Nesta sequência, a primeira impressão captada deste país pela personagem-narrador (na altura ainda adolescente) é a de uma imensidão desmedida que lhe provoca receio, tal como acontece com o protagonista de Ferreira de Castro.

A esse sentimento, alia-se a esperança nessa terra prometida, onde residiria a sua felicidade, pois ele refere “o Brasil que me ia enriquecer como a toda a gente” (1999a: 85). Simultaneamente, consciencializa-se da inutilidade do que aprendeu anteriormente, no seu país, ao afirmar “Nada do que aprendera em Agarez me

servia ali” (1999a:86). Por conseguinte, verifica-se uma desintegração das suas estruturas mentais e culturais, visto que os novos horizontes contrastam nitidamente com todas as experiências anteriores e os conhecimentos adquiridos, considerados úteis e importantes.

É, pois, neste país estrangeiro que o narrador irá crescer, amadurecer e tornar-se homem. Essa formação realizar-se-á em duas etapas: a primeira, preenchida com o trabalho árduo na fazenda do tio, no cafezal, onde trabalha de sol a sol, sem usufruir de qualquer privilégio, exercendo as mais duras tarefas (capinar café, cuidar dos animais, etc.), na linha do que sucedeu também, no domínio ficcional, com Manuel da Bouça.

Embora sejam dolorosas as vivências que experimenta, Torga nunca atribui ao Brasil a responsabilidade desses maus momentos. Pelo contrário, esse novo mundo deslumbra-o e assusta-o constantemente pela diferença, pela fertilidade da terra, pela natureza caótica, indomável, pelo exotismo da cultura de gente analfabeta, supersticiosa que se entrega rituais ancestrais (onde imperam lobisomens e feitiços).

Além disso, revela por vezes o drama de se sentir estrangeiro, excluído daquela cultura ou insultado. Partilha assim, a mesma sensação de “estranhamento” e de desintegração experimentada por Manuel da Bouça no Cafezal de Santa Efigénia e também por Alberto, o protagonista de *A Selva*, jovem estudante de direito, exilado para o Brasil por motivos políticos, enclausurado na hostil e terrível selva amazónica para trabalhar como seringueiro, recriando a experiência desumana vivenciada pelo autor no seringal “Paraíso” durante quatro anos.

Tal como Ferreira de Castro e as suas personagens, Torga também não enriquecerá no Brasil, mas na fase final da sua estada tem a oportunidade de estudar em Ribeirão, acedendo a uma riqueza espiritual.

Por fim, o tio vende a fazenda e ocorre o regresso à pátria, passados cinco anos. Ao deixar o Brasil, o narrador torguiano toma consciência da sua profunda

transformação: “A cidade, agora, tinha outra realidade. O ingénuo rapazinho que a vira em espanto e desespero à chegada do Arlanza, morrerá.” (1999a:151)

Esse processo de amadurecimento conferiu-lhe maior lucidez, contenção e mais prudência:

*Nem a baía da Guanabara, no dia seguinte, conseguiu
fazer transbordar a taça dos sentidos. [...] O mundo
pedia-me lucidez antes de cada
deslumbramento.*(1999a:151)

Aliás, a profunda mudança operada no “eu”, através do contacto e da vivência naquela terra estrangeira, através do estabelecimento de uma relação de alteridade, é igualmente visível em Manuel da Bouça ao sentir-se desintegrado na sua aldeia natal pois sentia “algo que o divorciava da terra; algo que se intrometia no seu espírito enquanto estivera longe, fazendo dele um homem diferente do que era antes de ir para o Brasil” (Castro 1980: 278). Além disso, mais notória é a transformação de Alberto, em *A Selva*, pois este jovem privilegiado, arrogante, monárquico e orgulhoso, após a desumana experiência do trabalho-escravo como seringueiro, o contacto com os outros trabalhadores escravizados e a majestade tirana da selva amazónica, torna-se mais humano, compreensivo, solidário, abdicando inclusive dos seus ideais políticos, confessando: “Tenho aprendido muito nos últimos tempos. [...] Sinto que mudei bastante. Há muitas coisas que eu não dava por elas e agora dou. Penso que têm razão os que querem um mundo mais justo” (Castro 20006: 222).

Em suma, constatamos que as personagens criadas pelos autores, com um teor mais ou menos autobiográfico, recriam as suas duras experiências de amadurecimento vividas como imigrantes no Brasil, a dureza do trabalho – e, no caso, muito concreto de *A Selva*, denunciam-se as condições de escravatura sofridas pelos seringueiros. Deste modo, nestas obras funde-se a realidade e a ficção, dando

voz a muito do sofrimento e amadurecimento vivido na pele por dois homens irmanados pela dureza extrema de uma emigração precoce, mas também pela aventura da escrita, cujas raízes germinaram de forma pujante do outro lado do Atlântico.

Ressonâncias da luso-brasilidade

Na verdade, ambos os autores reconhecem a grande importância desempenhada pelo Brasil nas suas vidas e nas suas obras.

Ferreira de Castro, no “pórtico” de *Emigrantes* reconhece o facto de o fracasso dos emigrantes, de certo modo retratado através das personagens anteriormente focadas, não poder ser atribuído ao Brasil, mas a um drama de teor universal. Refere então este país nos seguintes termos: Brasil, país que tanto amamos e é um dos mais nobres e generosos do mundo.” Nesta linha, também no “pórtico” de *A Selva*, se mostra devedor à “majestade verde, soberba e enigmática da selva amazónica” pela coragem que lhe deu para o resto da vida.

É ainda o autor que afirma relativamente ao seu regresso a Portugal:

[...] Nove anos depois [...] não trazia dinheiro nos meus bolsos de emigrante, [...] mas trazia um veemente sonho literário e uma riqueza secreta. [...]Do ponto de vista material, [...] eu fui um emigrante vencido [...] mas outras riquezas acumulei nessa terra magnífica, tão grande como a generosidade que ela tem e como o amor que eu tenho por ela.
(citado por Pinho 2009:50)

Na mesma esteira, a importância do Brasil na configuração do seu itinerário social e humano é enfatizado numa reflexão feita pelo escritor em 1959, aquando do seu regresso ao Brasil:

O antigo emigrante, que o Brasil ia receber com generosidade imensa, mesclava à lembrança dos seus companheiros na Amazónia [...] as miríades de sedimentos que a ideia de justiça universal, de justiça para todos e de fraternidade entre todos os homens lhe havia depositado no espírito, ao longo da própria experiência vivida – ao longo de toda a sua vida.” (citado por Pinho 2009: 46)

Relativamente a Miguel Torga, a importância da vivência no Brasil na formação do seu carácter é referida em 1938, numa passagem do *Diário* em que afirma:

[..] quando me encontro diante de uma floresta tropical é que sinto verdadeiramente o que significa toda a minha adolescência a romper no húmus de uma fazenda do Brasil .[...] Não tem expressão condigna a quentura deste lume que recebi de uma terra incendiada de vida, de força e de liberdade. (1999b: 75)

De novo, a imagem deste país surge conotada com a vida, força, liberdade, fecundidade, impregnada de um vitalismo primitivo e indescritível.

Já médico, como referimos anteriormente, Miguel Torga regressa ao Brasil em 1954, tendo proferido a conferência “Trás-os-Montes no Brasil”, depois publicada em *Traço de União*. Esta experiência é narrada no *Diário VII* e em *A Criação do Mundo- O Sexto dia*.

Ao chegar a Guanabara, o narrador analisa a dimensão da mudança nele operada ao longo do tempo: “À brumosa confusão infantil, corresponde agora uma clara serenidade que avalia, distingue, aplaude ou reprova [...] Mudei por fora e por dentro”. (Torga 1999b: 756) Com efeito, tal como sucedeu com Ferreira de Castro, neste caso, o seu estatuto é completamente diferente: é médico e escritor. Por isso, ao contrário do que sucedeu na primeira vez em que ancorou nesse país, desta feita,

realizou a viagem num luxuoso barco moderno, tendo sido recebido calorosamente.

Seguidamente, constatamos a desintegração da unidade telúrica do “eu”, que, encontrando-se dividido entre a pátria natal e a adoptiva, revela a ânsia de encontrar uma unidade, ao questionar-se: “Como poderei juntar as duas metades da minha vida?” (Torga 1999b: 757) Porém, evidencia o intento de enterrar o passado, descobrir o presente e vislumbrar o futuro. Este reencontro desperta nos sentidos imagens adormecidas, que o tempo não apagou, permitindo a consciencialização de toda a importância daquele espaço para a formação do sujeito. Por isso afirma:

*O Brasil tatuara-se realmente na minha alma como uma
tinta indelével. A longa ausência não lhe desbotara sequer o
brilho original. (Torga 1999a: 542)*

Perante a grandiosidade geográfica e humana que o rodeia, o narrador revela-nos a incapacidade de a abarcar, de apreender essa totalidade. Reforça-se a atitude de “filia” face ao “outro” que é concebido como superior, onde se guardam as promessas de um próspero futuro: “A concentrar a atenção neste ser uno e diverso, local e universal, cioso e pródigo, inquieto como um adolescente e atento como um adulto, que é o brasileiro - europeu tropical a inaugurar o futuro, português policromado que melhorou a alma e a fantasia [...]” (1999b: 758) Revela-se mais nitidamente a imagem do Brasil como uma pátria de total grandeza (abarcando a componente territorial e humana). As potencialidades são salientadas pelo carácter inapreensível da terra (devido à imensidão) e dos seus habitantes (porque são plurifacetados).

Além disso, à semelhança do que sucede na obra castriana, não podemos deixar de ver na representação torguiana do Brasil alguns ecos do luso-tropicalismo, embora tal como preconiza Bernard Emery para Ferreira de Castro, visto que

também neste caso, podemos notar uma configuração humanista que ultrapassa a teoria de Gilberto Freire.

Por outro lado, em *Traço de União*, o escritor transmuntano revela a incompreensão de que é alvo por parte dos intelectuais que assistem às suas palestras muito distanciados da realidade por ele vivida naquele país. Somente entre o povo simples e os emigrantes que encontra na Casa de Trás-os-Montes, onde aborda precisamente “o drama do emigrante”, é que se sente entendido, visto que os une o mesmo tipo de vivências. Estas impressões encontram-se em *A Criação do Mundo - O Sexto Dia*, onde os acontecimentos que marcaram a viagem ao Brasil são apresentados de forma mais objectiva, fruto do distanciamento cronológico, de uma depuração da escrita e das emoções, através da reflexão que só o tempo permite. O narrador mostra a consciência da sua participação na construção da história do Brasil, da realidade que presencia e também da sua divulgação: “Também eu colaborara [...] na construção daquela imensa pátria que agora celebrávamos e fora um humilde cronista da sua grandeza. O Pêro Vaz de Caminha de Agarez tinha sido eu”. (1999a: 542) Assim, através da metáfora há uma aproximação com uma figura histórica que revela o carácter de pioneiro do “eu” e a omnipresença da História e da sua terra natal.

Após algumas críticas ao excesso de progresso tecnológico encontrado em S. Paulo, é um deslumbramento sereno que se renova, ao percorrer novamente este país (“Que espectáculo maravilhoso é este Brasil a ferver, aquecido pelo calor do sol e pelo fogo das paixões”) (1999b:760)

Se no primeiro contacto com o Brasil, enquanto adolescente, confessava que nada do que aprendera em Portugal lhe servia, neste momento, o narrador aconselha o turista europeu a colocar de lado a sua bitola de valores, e limitar-se a contemplar de forma despojada, a realidade que o cerca.

O narrador revela o clímax da sua emoção ao visitar o estabelecimento de ensino onde pela primeira vez teve acesso à cultura e a fazenda do tio. Constatamos a impossibilidade de um juízo crítico objectivo e distanciados, na medida em que “É

difícil visitar em pura neutralidade de observador um país, um lugar, um simples estabelecimento que fazem parte da nossa história pregressa. [...] Foi por lhe ter dado o melhor de mim na infância que agora o não posso olhar com adulta serenidade.” (Torga 1999b: 765-766)

Este reencontro com os espaços “afectivos” do passado é descrito pormenorizadamente em *A Criação do Mundo - O Sexto Dia*, atravessado por um juízo crítico já filtrado por um maior distanciamento de onde advém uma objectivação da importância do regresso à herdade do Morro Velho.

Por seu turno, a obra *Traço de União* desenvolve e enfatiza a imagem já elaborada no *Diário VII*. Além de elogiar o Brasil, salienta que Portugal o deve ver de espírito aberto à novidade, às transformações, sem se limitar a procurar nele um mero reflexo da sua imagem. Ambos os países só têm a beneficiar com um estreitamento das suas relações. De novo se acentua a imagem de uma terra de promessas, dominada pela cor, multiplicidade, graça, originalidade, alegria de viver, sempre tão inocente e criadora, sem complexos, nem recalcamientos. Por isso, é uma “terra de encontro de raças que permitiu a mística e maravilhosa comunhão de sangues que o mundo conhece e admira” (Torga 1969: 14).

Nesta esteira, tecem-se comparações entre o país de origem e o visitado. De um modo geral, Portugal é considerado um país triste, envelhecido, cuja sociedade é marcada pela estratificação, pela frieza e por um espírito “impenitentemente aristocrático” (Torga, 1969, p. 40). Em contrapartida, o Brasil caracteriza-se pela vitalidade tropical, juventude, luz, vida, fogueira (que emerge das descrições feitas). O povo é feliz, rodeado pela liberdade, disponibilidade, despreocupação, autenticidade e democracia. Aliás, embora nesta altura, o Brasil esteja a atravessar uma situação política conturbada devido ao poder ditatorial e ao suicídio do Presidente Getúlio Vargas ocorrido a 24 de Agosto de 1954, o narrador não hesita em afirmar e elogiar o espírito humanista do brasileiro.

Podemos concluir que esta segunda visita (à semelhança com o que terá sucedido com as de Ferreira de Castro) se assume como um “ajuste de contas” com

o passado, que aumenta o sentimento de proximidade e de esperança nas potencialidades do país reencontrado. Reveste-se este reencontro de um poder catártico e libertador, que sepulta definitivamente os traumas do passado, a vertente nocturna e dramática do Brasil que parecia habitar ainda nas profundezas da alma do “eu”. Por conseguinte, “O Brasil mítico, ao mesmo tempo irreal e traumatizante, estava definitivamente transformado numa desmedida terra concreta que pisara com pés seguros e dignificados” (Torga 1999a: 549).

Torga dedica anteriormente, em 1957, um poema ao Brasil, que principia com os seguintes versos: “Pátria de emigração, / É num poema que te posso ter.../ A terra- possessiva inspiração;/ E os rios – como versos a correr”(D, 842). Deste modo, o acto da escrita, concretizado na poesia, assume-se como uma forma de preservar e reviver a imagem dessa segunda pátria que tanto ama. Para além disso, insinua-se a dificuldade em reproduzir através da palavra uma realidade que foi apreendida e que é necessário reconstruir através da memória: “[...] Na doirada moldura da lembrança,/ O retrato da pura imensidade/ A que dei a possível semelhança/ Com palavras e rimas de saudade.” (1999b: 842)

Outro poema, escrito em 1970 intitula-se “Brasil” e deixa transparecer quer a saudade, quer a angústia pela perda desse mundo descoberto e perdido, quer a tal divisão interior, ou melhor, desintegração a que já aludimos:

*Brasil onde vivi, Brasil onde penei, / Brasil dos meus
assombros de menino:/ Há quanto tempo já te deixei, / Cais
do lado de lá do meu destino! [...] / Tristeza dum regaço
repartido! Antes o desespero naufragasse/ Entre o chão
encontrado e o chão perdido (1999b:1183).*

Assim, esta luso-brasilidade torguiana advém do seu profundo humanismo, assumindo-se como um prolongamento do seu “iberismo”, reflectida na ideia de transposição da Península Ibérica para a América do Sul. Tal como afirma Margarida Gouveia: “Torga preocupa-se com a identidade agora. Encarna com

superior ética o respeito pelos filhos culturalmente autónomos nascidos da raiz lusíada”. (2001:41)

Em síntese, o Brasil é encarado de um modo extremamente positivo, por vezes até um pouco idealista. O escritor transmuntano integra-se nessa cultura e valoriza-a, numa nítida “filia”, transposta para uma mitificação desse país, projectado através das vivências e dos sentimentos subjectivos, pessoais. Tal facto enraíza-se não só nas suas vivências ocorridas no Brasil durante a adolescência, mas sobretudo na sua capacidade de transpor a sua cultura e mergulhar noutra onde se integra. Como afirma o autor: “Amar o Brasil, amei-o eu sempre, foi o meu segundo berço, sinto-o na memória, trago-o no pensamento e orgulho-me tanto dele como qualquer dos seus filhos.” (1999c: 1660)

A mesma “filia” e luso-brasilidade transparece na obra de Ferreira de Castro, sendo também configurada uma imagem bastante positiva do Brasil, enraizada numa espécie de “mitologia pessoal” que se afasta do estereótipo. Isto porque rompe com uma espécie de “tradição” que representava o Brasil como um local exótico, o reino do *Eldorado*, convertendo essa riqueza ilusória e prazeres em desilusões que, não afectam contudo, a admiração revelada pelo país, pela sua gente e cultura. Precursor do neo-realismo, o autor preocupou-se essencialmente em descrever a realidade, denunciar as injustiças, a opressão, e, por outro lado, acentuar o humanismo civilizador de alguns homens.

Em suma, de um modo geral, o Brasil é representado por estes autores como o espaço da renovação e da mudança, conducente à construção de uma nova identidade, a partir da instauração de um processo de alteridade. Por conseguinte, apesar de todos os desencontros, desilusões e pesadelos, ele delinea-se, sobretudo, como um lugar de encontro, de construção de conhecimento e de reconstrução da identidade pessoal, apesar de todos os sonhos e esperanças naufragadas, elevando-se como um hino de esperança num futuro promissor.

Bibliografia

Activa:

Castro, Ferreira de. 1980. *Emigrantes*, 21ª ed, Lisboa, Guimarães Editora.

Torga, Miguel. 1969. *Traço de União*, 2ª edição revista, Coimbra, Edição do Autor.

_____. 1999a. *A Criação do Mundo*, 3ª edição integral, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

_____. 1999b. *Diário* vols. I a VIII, 2ª edição integral, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

_____. 1999c. *Diário* vols. IX a XVI, 2ª edição integral, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

Passiva:

Coelho, Nelly Novaes. 1980. «A presença do Brasil na vida e na obra de Ferreira de Castro», separata do *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, volume 41, nº 1,2, Janeiro a Junho de 1980.

Emery, Bernard. 1992. *L'humanisme luso-tropicale selon José Maria Ferreira de Castro*, Paris, Ellug.

Gago, Dora Maria Nunes. 2008. *Imagens do estrangeiro no Diário de Miguel Torga*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/FCT.

_____. 2008. “A imagem do Brasil no *Diário* de Miguel Torga: Da emigração ao reencontro”, Portugal e o Outro: olhares, influências e mediação”, (coord.) Otilia Pires Martins, Coimbra, Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, pp.147-160.

_____. “Trajectoires d'exil chez Ferreira de Castro - *Emigrants* et *Forêt vierge*: du rêve au cauchemar”, communication présentée au colloque "Exils, errances, rencontres" (décembre 2009), Cergy-Pontoise (France) http://www.u-cergy.fr/IMG/exils_traj.cergy.v.3dora_gago.pdf

- Gouveia, Margarida Maia. 2001. "Itinerâncias da Luso-Brasilidade (Nemésio e Torga)", *Nemésio e Cecília Meireles - A ilha ancestral*, Porto, Ed. Fundação Eng. António de Almeida, pp. 33-46.
- Martins, Otilia Pires. 2004. "A Alteridade: Conceito e Representações"; *Portugal e o "Outro": Imagens e Viagens*, Otilia Pires Martins (coord), Coimbra, Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, pp. 9-11.
- Moura, Jean-Marc. 1999. « L'imagologie littéraire: tendances actuelles » in *Perspectives comparatistes*, Études réunies par Jean Bessière et Daniel-Henri Pageaux, Paris, Honoré Champion, pp.27-38.
- Pageaux, Daniel-Henri. 1994. *La littérature générale et comparée*, Paris, Armand Colin.
- Pinho, Célia Marques. 2009. « Génese de uma consciência intercultural em Ferreira de Castro », *Castriana 4, Estudos sobre Ferreira de Castro e a sua geração*, Ossela, Centro de Estudos Ferreira de Castro, pp.45-54.
- Vieira, Nelson H. 1991. *Brasil e Portugal, a imagem recíproca*, Lisboa, Ed. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.